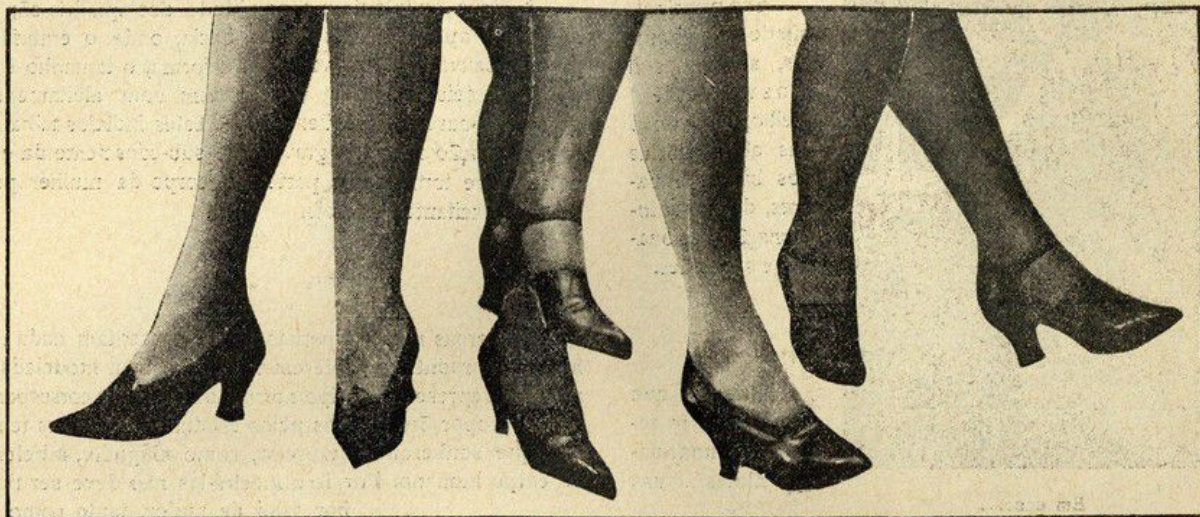


DE PERNAS À VELA...



No mundo católico, em especial na sociedade elegante, vai agora um alarme grande, pelas exigências dos pastores em matéria de «decência feminina». Aquilo a que os bispos chamam «o exagêro das modas» impede que muita dama galante assista aos actos do culto, piedosamente. Em algumas igrejas exerce-se às portas uma fiscalização rigorosa e noutras distribuem-se às mulheres, que não estão vestidas consoante os canones, bilhetes impressos, convidando-as a sair.

O próprio papa, do alto da cadeira de Pedro, escudado na sua infalibilidade, permitiu-se meter o bedelho na arte de bem vestir. E quasi todos os bispos, por cartas pastorais, cominam sanções para as fieis, que não se vestem a seu gosto.

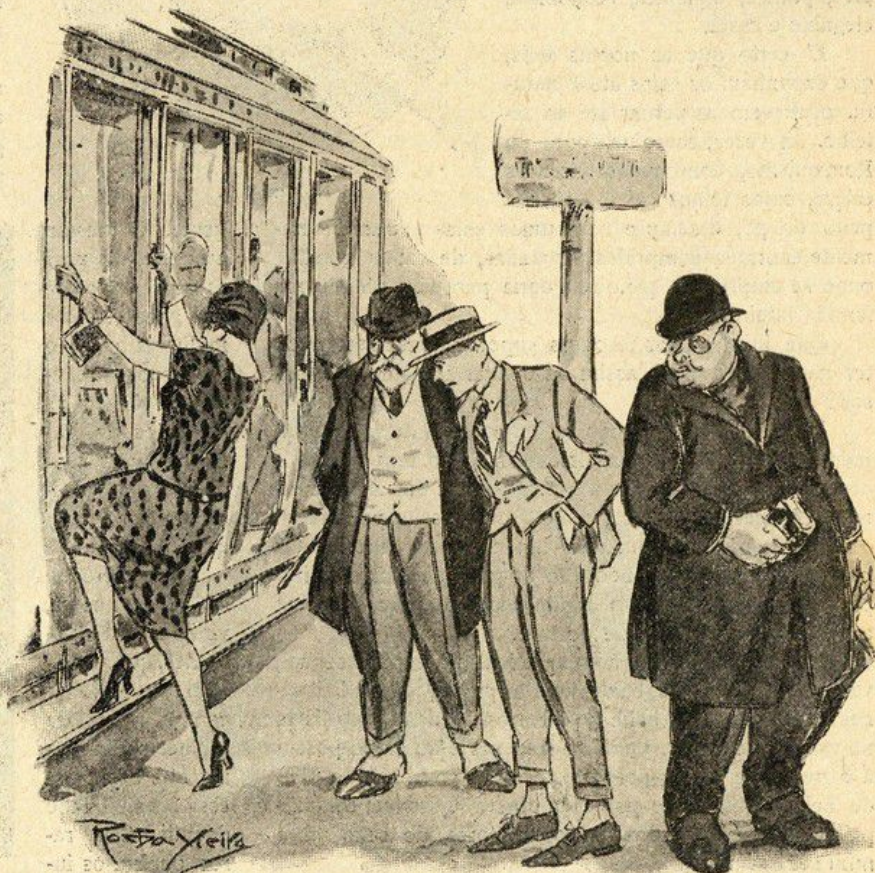
Foi sempre pretensão da Igreja católica intervir em tudo que diga respeito à vida social e as suas prescrições em matéria de indumentária feminina são velhas de séculos. Que provocaria, porém, este exacerbar do zelo apostólico, contra os vestidos das mulheres? Quais serão os exagêros da moda que mais irritam os pudicos prelados e os austeros abades?

O vestuário feminino tem evoluído num sentido de simplicidade apreciável. Veem sendo reduzidas as peças, ali-geirados os tecidos, encurtadas as dimensões. O essencial, porém, continua tapado.

Os mesmos decotes não atingem hoje as proporções

dos que predominavam nos dois séculos ultimos. Para não irmos mais longe, as modas do Directório, do Consulado, do Primeiro e do Segundo Império foram nesse particular duma prodigalidade encantadora. Não podem ser, portanto, os decotes, o que mais concita as iras do grave clero católico.

Será o uso dos vestidos que esculpturam as formas





Em casa...

pernas! Como se as pernas fossem objecto de tentação pecaminosa, consagram a decadência dos que as teem por veículo de estranhas volúpias!

A saia curta é uma inovação que ha de ficar, como a dos cabelos curtos. E ha de ficar porque é simples, prática, higiênica, economica, elegante e casta.

E' certo que as nossas avós, que expunham os seios até à cintura, ocultavam as pernas até ao artelho. Às vezes, como na época do Romantismo, com umas incríveis calças, cujos folhos caíam sobre o peito do pé, e sempre com umas saias extraordinariamente enormes compridas e rodadas, de cauda e balão, onde se empregava pano que daria para vestir hoje uma família inteira.

Que inestimáveis tesouros suporiam essas senhoras ter nas pernas, para assim as ocultar aos olhos cubiceiros?

E' que as pernas, a não ser num ponto de vista puramente estético, — e só um limitado número tem sensibilidade para lhes apreender a beleza — nada dizem aos sentidos. As pernas não são, como o preconceito pretende e os bispos agora confirmam, — um excitante genésico. Só por uma lamentável aberração se pode atribuir essa importância à perna, mero órgão locomotor que nem tem a nobreza nem a utilidade do braço.

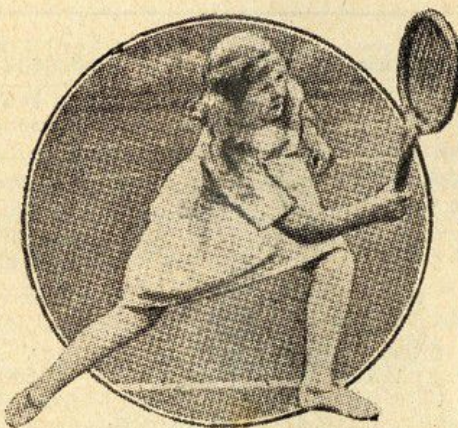
Não cremos que alguém se excite no sentido sexual, vendo as pernas das banhistas nas praias, as das bailarinas ou do corpo de baile nos teatros, as das desportistas no campo de jogos. Quando essa parte do corpo possui a correcção e as proporções normais, consoante o tipo de beleza imaginado por cada um, é agradável contemplá-la, mas nenhum dos centros motores do sexo vibra num ser normal.

O *libidum sexualis* obedece a leis, ainda que variá-

collants, — como os franceses lhes chamam, — os ombros nus, as saias curtas?

São principalmente as saias curtas, as pernas à mostra desde o joelho, o motivo das abjurgatórias dos bispos e padres, da santa indignação das beatas e sacristães.

Ora no que haviam de ir reparar as immaculadas almas... nas



No tennis...

veis de indivíduo para indivíduo, correlacionadas sempre com a função reprodutora da espécie. Instintiva, inconscientemente, o homem procura na mulher a mãe dos seus filhos. Logo as qualidades que são garantia duma maternidade perfeita, são as que mais o impressionam.

A linha ondulante e a amplitude dos quadris são a afirmação aparente duma vasta bacia, onde o embrião pode desenvolver-se à vontade; a forma, o tamanho e a rijeza dos seios falam da certeza dum bom aleitamento do recém-nascido. Frequentemente estes indícios falham, mas a tradição ancestral gravada no sub-consciente da espécie é que torna essas partes do corpo da mulher poderosos excitantes sexuais.

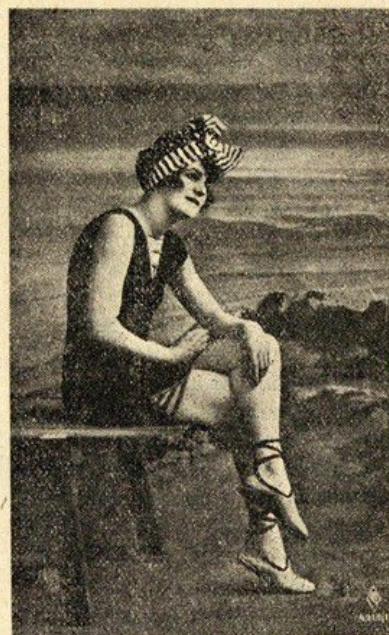
As pernas não. As pernas não representam nada na função reprodutora. Preferem-se altas e bem modeladas, por isso representar o tipo normal da espécie e corresponder às proporções fixadas pelos estatutários dos idos tempos, que souberam interpretar, como ninguém, a beleza do corpo humano. Por isso mostrá-las não deve ser tido por falta de pudor, tanto como o não é mostrar o rosto, os braços, o colo.

O povo, que é naturalmente público, porque obedece às regras da moral biológica, não tem escrúpulos nesse ponto. As camponesas dizem até que a perna, para «baixo do joelho é do concelho» querendo significar que é coisa pública, comum, que não deve ser escondida.

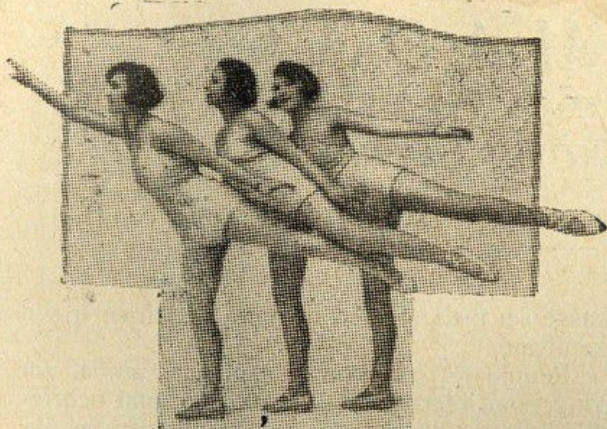
E se o dizem melhor o fazem, não ligando importância a mostrar as pernas nús. A moda vem integrando todas as mulheres nesse conceito do pudor, o unico inteli-

gente. O mesmo costume de uzar as pernas nús já tem adeptos entre mulheres que não praticam o naturismo. Algumas elegantes de Paris lançaram essa moda, não sabemos porê, com que intenções.

Na verdade há pobres seres, virilmente decadentes, que se deixam impressionar com a perna da mulher e algumas hetairas exploram essa sensibilidade doentia. São raros, porém, os indivíduos que pa-



Na praia...



Na dança...

deçam dessa aberração. A grande maioria dos homens que aparenta impressionar-se com o espectáculo dos membros locomotores da outra metade do género humano, fá-lo por vício de educação, por moda, por espírito de imitação e sobretudo para presumir duma virilidade, que a própria ciência desmente.

São esses cavalheiros quem alimenta os prejuizos sobre a exibição da perna, quem dá razão aos bispos, quem envergonha o homem verdadeiramente homem. Não podem deixar de inspirar desprezo os vadios que andam pelas esquinas e nas paragens dos carros, empregando díchotes de bordel e olhares artificialmente concupiscentes, dirigidos às pernas das mulheres que passam. Também elas, as que exploram essa torpíssima mania, especialmente traçando a perna em exhibições provocadoras, merecem não a excomunhão dos bispos, mas a nossa piedade se são profissionais e a nossa troça se o aparentam ser.

A perna da mulher que não encerra filtros amorosos para nenhum homem normal, que é exposta nas praias, nos palcos e nos campos de desportos, sem que ninguém se escandalize, é objecto por vezes dum exagerado culto.

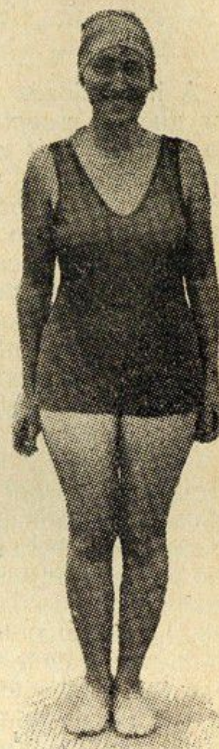
Lembramo-nos, por exemplo, das pernas da velha actriz Mistinguett, que os seus admiradores dizem ser «espirituais» e das da bailarina Vera Nemtchinova, que as segurou recentemente por 30.000 libras. Essas pernas po-

rêm, são instrumentos de trabalho. Em Mistinguett, prodígios de elegância e de agilidade, que lhe permitem quasi sexagenária, aparentar vinte anos; na Nemtchinova, maravilhas de realização em coreografia, que ela se viu obrigada a segurar, pois um acidente quasi as ia inutilizando para a sua arte.

Compreende-se o culto por estas pernas, como se compreende a admiração por aquelas que a Natureza delineou a capricho. Essas porém são raras!...

Ainda há pouco num concurso de pernas femininas realizado em Londres, em que obteve o primeiro prémio uma senhora deputada, regeitaram se milhares de concorrentes por as suas pernas estarem muito aquém do tipo médio fixado. Idênticos concursos tem sido feitos na América do Norte, de certo com idênticos resultados porque a civilização mata a beleza. A verdade é, porém, que nem o puritanismo britânico ou americano se sentem maguados com essas exhibições de pernas, nem as concorrentes julgam abdicar da dignidade do seu sexo, expondo-as. E' que, repetimos, para todos, excepto para a igreja católica, a perna da mulher não envolve qualquer tentação.

São, portanto, as saias curtas absolutamente defensáveis, perante as exigencias da vida moderna, da elegância e da comodidade. A não deverem as mulheres usar calças, porque isso se prestaria a deploráveis confusões, dado que o olfacto do homem já não está exercitado para sentir a mulher a distância, e só de perto e á vista as reconheceria se vestissem os trajos masculinos — somos inteiramente pelas saias curtas e pela perna á vela, por muito que isso pese aos senhores bispos.



No desporto...

